

## Muito além das disciplinas

Marcos César Alvarez

**Como citar:** ALVAREZ, M. C. Muito além das disciplinas. *In:* CARRARA, K. (org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. Marília: Unesp Marília Publicações, 2001. p. 75-78. DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-86738-16-6.p75-78>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## MUITO ALÉM DAS DISCIPLINAS

Marcos César ALVAREZ<sup>1</sup>

A ciência moderna se constituiu historicamente como um empreendimento especializado, voltado para uma compreensão aprofundada de aspectos circunscritos da realidade. O grande sucesso prático desse novo empreendimento fez com que o conhecimento científico deslocasse com sucesso as antigas formas de compreensão da realidade – como, por exemplo, o mito ou a religião – ao assumir o papel de principal discurso de compreensão e legitimação da modernidade. Como afirma Michel Foucault (1996), em nossa sociedade a vontade de verdade que impulsiona o conhecimento científico tem exercido um poder de coerção em relação aos demais discursos, de tal modo que a literatura, as práticas econômicas, o direito, etc., passam a buscar apoio e legitimidade no discurso científico, como se apenas este pudesse fundamentar e justificar qualquer prática social.

Podemos pensar a organização disciplinar das ciências como a forma ao mesmo tempo intelectual e institucional que deu suporte a essa especialização crescente, característica da ciência moderna. A organização das ciências em disciplinas autônomas, com objetos e com metodologias particulares, triunfou mesmo no campo das assim chamadas humanidades, historicamente mais refratário à especialização do conhecimento. Tanto isso ocorreu igualmente no campo das ciências humanas que um autor como Max Weber (s.d.) – tomado como um dos fundadores da moderna Sociologia – não hesitava em afirmar, no início deste século, que também o conhecimento da sociedade se tornava cada vez mais especializado, embora esse “destino” especializado fosse visto por ele muito mais como uma fatalidade histórica do que como um progresso efetivo do conhecimento<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp – Campus de Marília – 17525-900 - SP

Hoje, em contrapartida, a especialização e sua forma institucional – as disciplinas – têm sido cada vez mais reavaliadas. É certo que a ciência disciplinar, desde sua emergência, foi criticada a partir dos mais diversos pontos de vista. Seria equivocado considerar que todos esses ataques tenham sido apenas manifestações irracionalistas, pois muitos apontaram justamente para os perigos e os limites da atividade científica, sem que com isso tenham pretendido abandonar suas inegáveis conquistas técnicas. O que é novo, na atualidade, no entanto, é que cada vez mais o desconforto com as práticas disciplinares parte também daqueles diretamente envolvidos com a produção das ciências nos mais diversos campos do conhecimento. Buscam-se novos caminhos teóricos e metodológicos capazes de superar a parcialização do conhecimento, já que são os próprios problemas colocados pelas pesquisas que indicam a insuficiência dos antigos paradigmas científicos.

Os textos aqui apresentados têm em comum justamente esta busca por novos paradigmas de compreensão da realidade. Ao partirem de áreas diversas, em que estão sendo experimentadas formas diferenciadas de produção do conhecimento, os autores discutem como é possível ir além do conhecimento disciplinar. A própria discussão acerca de como nomear o que estaria na outra margem – se um conhecimento interdisciplinar ou transdisciplinar, por exemplo –, longe de indicar um debate puramente escolástico, demonstra que os autores lidam seriamente com os desafios apresentados pelo novo empreendimento, que sem dúvida não consistirá numa simples justaposição das disciplinas, mas apontará para formas inéditas de compreender o mundo e de organizar institucionalmente a prática científica.

Os riscos da empreitada assumidos pelos autores estão deste modo claramente explicitados. Pode-se mesmo ser um pouco pessimista quanto aos desdobramentos institucionais das idéias discutidas, pois, embora muitos critiquem teoricamente a fragmentação da ciência, a rotina institucional ainda é dominada pelo corporativismo de grupos de pesquisadores que acreditam ter o monopólio da verdade. Ou seja, não basta apenas uma mudança de conceitos e de teorias, mas deve-se buscar essencialmente um novo funcionamento político,

no sentido amplo, da ciência, capaz de romper com os mecanismos de poder que se instalaram através das divisões disciplinares. Desse modo, mesmo que uma nova política científica ainda não esteja desenhada no horizonte, nem por isso os autores desta coletânea aceitam ficar de braços cruzados e as reflexões aqui desenvolvidas são um passo importante também nesta direção.

Por último, é importante ressaltar que os textos a seguir apresentados convidam o próprio leitor a assumir os riscos de abandonar o campo especializado de sua formação e de enfrentar o diálogo com outros campos do conhecimento. Entre as muitas contribuições dadas pelos autores, a formação de um novo público para a ciência, capaz de transitar por campos de conhecimento diversos, não é a menos importante.

#### **Referências Bibliográficas**

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

WEBER, M. *A Ciência como vocação*. São Paulo: Cultrix, s.d.